



O DESENHO DE CRIANÇAS E JOVENS NA ESCOLA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

EL DIBUJO DE NIÑOS Y JÓVENES EN LA ESCUELA: BREVES CONSIDERACIONES SOBRE LA DEFICIENCIA INTELECTUAL

eLocation-id: e0032

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/19843178182022e0032>

Daiane Santil Costa

Universidade Federal da Bahia

daisantil@gmail.com - [ORCID](#)

Os artigos publicados nesta edição passaram pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

RESUMO: O presente escrito apresenta uma breve discussão sobre o desenho de crianças e jovens com deficiência intelectual, abordando a intervenção pedagógica na perspectiva da educação inclusiva, a partir de uma revisão bibliográfica. Considerando a escassez de pesquisas sobre o processo de aprendizagem de crianças e jovens com deficiência intelectual, este texto surge como desmembramento de investigações sobre a apropriação da escrita por meninos e meninas. Na revisão bibliográfica realizada, os estudos analisados evidenciam diversos recortes de investigação e abordagens teóricas diferenciadas para investigar as produções das crianças. Nos artigos encontrados, os autores destacam a pouca discussão a respeito do desenvolvimento do desenho de meninos e meninas com deficiência intelectual e foram também notadas as lacunas de pesquisas que abordem a relação entre o desenho e o ensino. Tendo como abordagem teórica a psicologia histórico-cultural, o texto também apresenta alguns princípios conceituais sobre o desenho e o ensino para que essa linguagem seja potencializada no espaço escolar. Considerando a importância da educação para o desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual, entende-se que a temática apresenta relevância e há necessidade de ampliação do seu debate no campo pedagógico, na atualidade.

Palavras-chave: desenho; deficiência intelectual; escola.

RESUMEN: El presente trabajo muestra una breve discusión sobre el dibujo de niños y jóvenes con deficiencia intelectual, abordando la intervención pedagógica en la perspectiva de una educación inclusiva, a partir de una revisión bibliográfica. Considerando la escasez de investigaciones acerca del proceso de aprendizaje de niños y jóvenes con deficiencia intelectual, este texto surge como desmembramiento de investigaciones sobre la adaptación de la redacción de niños y niñas. En la revisión de la literatura realizada, los trabajos analizados muestran diferentes líneas de investigación y diferentes enfoques teóricos para investigar las producciones infantiles. En los artículos encontrados, los autores destacan la poca discusión sobre el desarrollo del dibujo para niños y niñas con deficiencia intelectual y también se notaron las lagunas en las investigaciones que abordan la relación entre el dibujo y la docencia. Teniendo como abordaje teórico la psicología histórico-cultural, el texto presenta también algunos principios conceptuales sobre el dibujo y la enseñanza para que



ese lenguaje sea aplicado en el espacio escolar. Considerando la importancia de la educación para el desarrollo de los estudiantes con deficiencia intelectual, se entiende que el tema es relevante y existe la necesidad de ampliar su debate en el campo pedagógico, en la actualidad.

Palabras clave: dibujo; deficiencia intelectual; escuela.

1 INTRODUÇÃO

A produção do desenho pode ser entendida como uma ponte para percebermos a relação que a criança e o jovem estabelecem com a sua cultura e com as outras pessoas. Dos rabiscos aos pequenos círculos, dos movimentos do corpo aos traços que anunciam uma figura humana, é preciso ir além das aparências dos traçados para entender as motivações e as manifestações gráficas de meninos e meninas fora e dentro da escola. Faz-se necessário compreender os seus movimentos gráficos de idas e vindas, os processos de esmaecimento e as implicações do ensino no desenvolvimento dessa linguagem.

Considerando a minha experiência como professora e como pesquisadora, em estudos acadêmicos realizados (COSTA, 2011; 2017), este texto surge como desmembramento de pesquisas sobre a apropriação da escrita por meninos e meninas, numa perspectiva inclusiva da prática pedagógica. No que se refere à preocupação com a aprendizagem das pessoas com deficiência intelectual, Anache e Mitjans (2007) sinalizam a necessidade de realizações de estudos que abordem certas particularidades dos processos de aprendizagem de meninos e meninas com deficiência intelectual nas escolas comuns.

Portanto, a partir de um estudo exploratório que apresenta uma revisão bibliográfica articulada com a prática pedagógica, a temática proposta objetiva ampliar reflexões sobre o desenho de crianças e jovens com deficiência intelectual e a influência do ensino no espaço escolar, à luz dos estudos da psicologia histórico-cultural de Vigotski (2010) e colaboradores, enfatizando as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento desses meninos e meninas.



Além disso, este texto decorre também de investigações que venho realizando sobre o trabalho na dimensão artístico-pedagógica¹ com crianças pequenas a respeito de propostas voltadas para a Educação Infantil, tendo como preocupação a organização do ensino nessa etapa e suas inter-relações com o desenvolvimento inicial. Acredita-se que a intervenção pedagógica realizada pelos professores pode ressignificar os potenciais criativos dos alunos e possibilitar outras estratégias que possam fazê-los se desenvolver, abrindo brechas para outras experimentações, desde cedo.

Neste texto, em um primeiro momento, apresento uma breve revisão bibliográfica sobre o desenho de crianças e jovens com deficiência intelectual nas escolas, tendo como recorte a produção de artigos acadêmicos brasileiros, nos últimos anos, sobre o assunto e proponho a ampliação dessa discussão. Abordo a perspectiva vigostkiana em diálogo com autores dos campos das Artes Visuais e da Educação, mostrando alguns princípios norteadores, segundo a literatura, para o trabalho pedagógico, considerando as especificidades dos alunos com deficiência intelectual em sala de aula.

2 METODOLOGIA

Este artigo traz um estudo exploratório que apresenta uma familiarização com o tema na busca de ampliar conhecimentos e delimitar questões. Na discussão aqui proposta, o presente texto tem como centralidade um rastreamento da temática acerca do desenho de estudantes com deficiência intelectual nas escolas.

O estudo exploratório permite maior conhecimento sobre a temática a ser desenvolvida e possibilita a experiência de pesquisadores em torno de um determinado problema que se quer investigar. A partir de um olhar cuidadoso para estudos antecedentes, realizando um delineamento de outras possíveis investigações (TRIVIÑOS, 2013) que “envolve geralmente a revisão de literatura, o

¹ Venho dando continuidade aos estudos em especializações e em cursos de extensão nos campos de Artes Visuais e Educação Infantil.



estudo de experiências pessoais, a análise e exemplos que estimulam a compreensão” (GIL, 2009, p. 9).

Com vistas a conhecer os avanços, as concepções teóricas e as lacunas nesse debate, procurou-se saber como tem sido tratado esse assunto do ponto de vista pedagógico na literatura nacional. Nesse sentido, a revisão bibliográfica apresentada é resultado de uma busca em acervos acadêmicos virtuais ligados ao campo da educação, no Brasil, tendo como preocupação a seguinte temática: o desenho de crianças e jovens (estudantes) com deficiência intelectual e o ensino escolar. Nesse rastreamento realizado foram utilizadas as seguintes palavras-chave: alunos(as) com deficiência intelectual (mental), desenho, escola (aprendizagem escolar).

Assim, foi realizado um levantamento de artigos científicos em revistas acadêmicas conceituadas, considerando o período de 2000 a 2019, a partir de uma análise inicial dos títulos e conteúdos dos seus resumos. Depois, foi feita uma seleção, recorrendo apenas às produções que tratam de aproximações com a temática proposta. Como fonte principal, buscou-se o assunto no portal de periódicos na Base de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Google Acadêmico utilizando as combinações das palavras-chave acima descritas.

Conforme Anache e Mitjás (2007), sabe-se que, quanto à produção científica disponível na Base de Dados da CAPES, ainda há escassez de trabalhos que versem sobre o tema da aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual (mental). Em outras palavras, muitas vezes, o pesquisador pode encontrar uma ampla produção em diversas outras temáticas relacionadas à deficiência intelectual, tais como: inclusão escolar, saúde, diagnósticos, avaliação, inclusão social, contextos colaborativos, porém, quando há um recorte no estudo sobre o processo de aprendizagem escolar é possível notar uma tímida quantidade de produções².

² Para melhor compreensão dos leitores sobre o assunto, ver mais informações e dados encontrados pelas autoras no artigo: ANACHE, Alexandra; MITJÁS, Albertina. Deficiência mental e produção científica na base de dados da CAPES: o lugar da aprendizagem. **Psicol. Esc. Educ.** São Paulo.



No caso do presente trabalho, tomando as palavras-chave (alunos com deficiência intelectual/mental, desenho e escola), no conjunto dos 407 resultados apontados nos mencionados periódicos foram localizadas várias temáticas, como: adaptações curriculares, acessibilidade, inclusão a partir do desenho universal, a prática pedagógica em espaços como o Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência intelectual/mental e campos diferentes de interesse, tais como: Educação (em vários níveis e modalidades), Terapia Ocupacional, Psicologia Clínica, dentre outros.

Para delimitação do assunto foram consideradas apenas as publicações em âmbito nacional e tomando os seguintes objetivos: compreender o lugar do desenho de alunos(as) com deficiência intelectual na escola, a partir da literatura acadêmica disponível e contribuir nas discussões tomando a perspectiva vigotskiana como embasamento teórico sobre o desenho e o papel do ensino escolar.

Nesse sentido, dentre as fontes localizadas, foram encontrados cinco³ trabalhos que versam, especificamente, sobre a temática da deficiência intelectual, relacionadas ao desenho e o ensino escolar com diferentes enfoques e abordagens teóricas. Com base nesses achados, apresento aqui os artigos segundo os autores e as suas temáticas.

Nos artigos localizados foram identificados vários temas, tais como: a produção gráfica de alunos com deficiência intelectual em uma classe especial (PATROCÍNIO, 2001); a análise do esquema gráfico de objetos e o ensino do desenho para crianças com deficiência intelectual (OLEQUES, 2015; 2016, 2019); a Arte Visual e a inclusão escolar, a partir de reflexões sobre o ensino dos professores e o trabalho com os alunos com deficiências nas escolas (REILY, 2010). Como forma de sistematização desses achados, apresento os trabalhos no quadro abaixo no que se refere ao ano, autor(a), título e fonte localizada.

2007, vol.11, n.2, p. 253-274. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n2/v11n2a06.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2013.

³ Foram encontrados sete trabalhos, no entanto, dois trabalhos se repetiam em seus conteúdos e em seus títulos.



Quadro 1- Artigos sobre o desenho de alunos(as) com deficiência na escola localizadas no portal de periódicos da Base de Dados da CAPES e no Google acadêmico

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	FONTE
2001 (2) trabalhos	Patrocínio	O desenho e suas relações com a linguagem escrita em alunos portadores de deficiência mental.	Periódicos da CAPES
2009 (1) trabalho	Patrocínio	O desenho e suas relações com a linguagem escrita em alunos portadores de deficiência mental	Periódicos da CAPES
2015;2016 (2) trabalhos	Oleques	Desenho infantil: possibilidade de ensino a crianças com deficiência intelectual	Google Acadêmico
2019 (1) trabalho	Oleques	Desenho infantil e o ensino de Artes visuais: Desenhando com crianças com deficiência intelectual	Google Acadêmico
2010 (1) trabalho	Reily	O ensino das artes visuais na escola no contexto da inclusão	Google Acadêmico

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Dando continuidade à discussão, na tentativa avançar na análise sobre a temática e considerando os debates encontrados sobre a produção do desenho relacionado à deficiência intelectual e ao ensino escolar, apresento uma síntese dessa análise sob o enfoque da psicologia histórico-cultural e suas possíveis contribuições ao campo pedagógico.

3 DESENHO E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: O QUE DIZEM OS ESTUDOS MAIS RECENTES?

Segundo Lavelberg (2017), ao longo do tempo, foram desenvolvidas várias pesquisas que tratam do desenho infantil com diferentes abordagens, campos e enfoques sobre o assunto. No entanto, em um rastreamento bibliográfico é possível notar lacunas de discussão sobre o desenho, especificamente, relacionado às questões da deficiência, sobretudo, com relação ao processo de apropriação dessa linguagem gráfica por crianças e jovens com deficiência intelectual. Também há escassez de estudos, mais particulares, a respeito do desenho relacionado ao



ensino e à aprendizagem desses estudantes no campo das artes na escola, conforme aponta Reily (2010) em seu texto.

No levantamento realizado, foi possível observar que no trabalho intitulado “O desenho e as suas relações com a linguagem escrita em alunos portadores de deficiência mental”, desenvolvido por Patrocínio (2001), tomando como referência teórica as discussões propostas por Reily, em 1986⁴, e buscando certas aproximações com os constructos vigostkianos, a autora analisou a produção gráfica de alunos com deficiência intelectual de uma classe especial, tendo como sujeitos da pesquisa: “um alfabetizado, mas que não gostava de desenhar e outro que desenhava bem, mas que não sabia escrever” (PATROCÍNIO, 2001, p. 2). O estudo foi também publicado em um evento acadêmico, na III Conferência de pesquisas Sócio-cultural, em Campinas, em 2000. Patrocínio (2001) enfatizou as ausências encontradas a respeito de estudos que tratem da temática do desenho e a deficiência intelectual.

Na discussão proposta, a autora notou algumas características observadas na produção da pessoa com deficiência intelectual, destacando que seu o desenvolvimento não se dá em termos quantitativos, mas de outro modo. Como aspectos principais, foram identificadas: a lentidão na evolução e nas etapas do desenho, certa permanência em um determinado estágio no curso do desenvolvimento e “a ausência de fala egocêntrica e uma plena utilização da fala social” (PATROCÍNIO, 2001, p. 6).

Além disso, Patrocínio demonstrou que certas crianças apresentaram habilidades para desenhar além do esperado, considerando as questões que cercam a condição da deficiência. Segundo a autora, “os estágios podem dar indicações interessantes do que se pode esperar das produções da criança. Entretanto, não se deve utilizar esses estágios como meio de rotular as crianças, nem tampouco de prever uma futura evolução” (2001, p.11).

⁴ Texto não localizado virtualmente.



Em outras palavras, à luz de Vigotski (1998) e de Reily (1986), Patrocínio (2001) percebeu em sua pesquisa que muitas crianças são subestimadas em seus potenciais e diante das singularidades observadas, é preciso conhecer as condições sociais de cada pessoa e o modo como ela enfrenta a sua própria deficiência. Ou seja, compreender essas singularidades significa ultrapassar a ideia de etapas fixas, superando entender o processo de desenvolvimento do desenho como universal e repetível para todas as pessoas.

Nos trabalhos publicados por Oleques (2015; 2016, 2019) houve um destaque ao processo de desenvolvimento e de aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual, a partir da análise do desenho de crianças tendo como foco a realização de esquemas gráficos de objetos. Em sua temática traz como preocupação central a análise do esquema gráfico e o ensino do desenho para crianças com deficiência intelectual.

O primeiro trabalho, intitulado “Desenho infantil: possibilidade de ensino a crianças com deficiência intelectual”, publicado pela Revista acadêmica Ciclos, em 2015, apresenta algumas reflexões iniciais sobre o projeto de pesquisa da autora acerca da temática sobre o desenho de crianças com deficiência. O segundo estudo, “Desenho e escrita: característica na produção gráfica de duas crianças com Síndrome de Down”, em 2016, publicado pela revista Educação Especial, pela Universidade de Santa Maria, retoma questões problematizadas em seus trabalhos anteriores e tece algumas considerações acerca de sua pesquisa de doutorado. Nesse segundo trabalho, a autora amplia a discussão sobre a produção do esquema gráfico produzido por crianças.

A partir de concepções de diversos autores, tais como: Ferreiro e Boneti, Luquet, Pillar e Wallon, a autora também aponta que há escassez de pesquisas relacionadas ao desenho e à deficiência intelectual (OLEQUES, 2015, 2016). Em seu estudo inicial, à luz desses autores, Oleques busca entender certas particularidades do desenho dessas crianças, tomando abordagens centradas em aspectos evolutivos para compreender as etapas de desenvolvimento, enfatizando a necessidade de um ensino bem direcionado e um olhar pedagógico atento para a



expressão gráfica desses alunos na escola. Nas palavras da autora, “se o pensamento simbólico, abstrato ainda não é uma constante na maioria das crianças com deficiência cognitiva, é preciso criar estratégias de ensino para facilitar estas relações” (OLEQUES, 2015, p. 23).

Oleques, atuando como professora de Artes Visuais, em uma instituição especializada, notou que os seus alunos, crianças e jovens com deficiência intelectual, sentiam dificuldades na produção do desenho ao realizarem esquemas gráficos de objetos. Diante disso, ela pôs em questionamento se tais limitações seriam decorrentes de poucos estímulos que receberam ao longo da vida, ou seja, das poucas oportunidades oferecidas pelo meio ou se tais limitações seriam relacionadas à própria condição da deficiência. Em suas considerações, ela afirma: “pode-se relacionar esta realidade ao fato destes alunos pouco terem exercido ou desenvolvido esta prática, além do comprometimento intelectual” (OLEQUES, 2015, p. 17).

Em seu texto, Oleques coloca em evidência a inter-relação entre o desenvolvimento das habilidades motoras e o pensamento simbólico e faz um destaque às dificuldades nas formas mais elaboradas do pensamento que terminam por influenciar significativamente na representação gráfica. A autora sinaliza que certas dificuldades na esfera da linguagem interferem nessa produção (OLEQUES, 2015).

Em outro artigo que traz dados conclusivos de sua pesquisa de doutorado, Oleques (2019) apresenta outros dados e aborda os resultados do estudo desenvolvido. No texto intitulado “Desenho infantil e o ensino de Artes visuais: Desenhando com crianças com deficiência intelectual”, a autora apresenta parte dos seus resultados de pesquisa, concluída em 2017.

O escrito foi publicado pela Revista Gearte, em Porto Alegre, em 2019. Oleques buscou elaborar estratégias pedagógicas para que os sujeitos da pesquisa, alunos com deficiência intelectual, matriculados em uma instituição especializada, pudessem estruturar um esquema gráfico no papel, a partir de jogos de montagem e



moldes vazados de esquemas de objetos. No artigo, explora os dados observados em uma aluna para produzir o esquema de alguns animais.

Para Oleques (2019), o esquema gráfico permite a identificação de uma categoria de objetos a serem desenhados e partir de uma proposta direcionada elaborada em etapas para que os desenhos infantis a partir de linhas, pontos, figuras geométricas e algumas generalizações dos objetos realizadas pelas crianças pudessem ser trabalhados. Sua preocupação se restringiu à função do desenho como forma de comunicação e optou por não explorar as produções artísticas centradas na expressão livre e criativa dos alunos.

Nas conclusões do seu trabalho, Oleques (2019) destacou a importância do método realizado em etapas, sugerindo a necessidade de modelos como base para serem seguidos pelos alunos no momento de produzir um esquema. Destaca que o trabalho pedagógico necessita ser desenvolvido incentivando os alunos e considerando os possíveis “[...] resultados sejam de curto, médio ou longo prazo” (OLEQUES 2019, p. 17).

No artigo publicado por Reily (2010), intitulado “O ensino das artes visuais na escola no contexto da inclusão”, publicado pelo Caderno Cedes, em Campinas, em 2010, a autora apresenta uma revisão bibliográfica acerca da temática arte e inclusão e destaca aspectos importantes sobre o trabalho pedagógico dos professores de Artes Visuais, considerando a inclusão escolar de alunos com deficiência.

Com a proposta de tecer reflexões para os docentes, Reily (2010) analisa produções brasileiras sobre a temática a partir do levantamento de dissertações e teses. Discute em seu texto alguns pontos sobre o ensino brasileiro, tais como: o processo ainda frágil na formação docente para atuarem com alunos com necessidades educacionais especiais, a escassez de publicações acadêmicas no campo e situa alguns desafios para a atuação do professor de artes no contexto da inclusão.

Para a autora, muitos profissionais em atuação ainda lidam com a falta de preparação para trabalhar com alunos com deficiência. Tal problemática decorre das



lacunas curriculares nos cursos de formação e somente, no próprio exercício da prática, terminam por perceber a necessidade de outros saberes importantes ao trabalho, considerando a diversidade presente em sala de aula.

Segundo Reily (2010), na tentativa de oferecer recursos e acesso ao conhecimento na esfera da produção artística, torna-se urgente uma revisão dessas práticas, das questões conceituais e de um embasamento teórico a respeito de um trabalho voltado para a diversidade humana como forma de garantir subsídios para a atuação no ensino no campo de artes. Particularmente, no que se refere à deficiência intelectual, Reily afirma:

Concretamente, houve muito mais interesse pela produção artística de pacientes psiquiátricos, enquanto pouco se investiu em estudos e publicações sobre as artes das pessoas com deficiência. [...] Ensina-dos a serem dóceis e passivos, adultos com deficiência intelectual não reivindicavam seu direito ou desejo de fazer arte, como às vezes se viu com pessoas diagnosticadas com transtornos mentais. Quando há oportunidade de pintar, geralmente subestima-se a criatividade e os adultos são convidados responsáveis pelo programa a colorir contornos previamente determinados, com ênfase nos trabalhos manuais dirigidos (REILY, 2010, p. 7-8).

Em seu estudo, Reily (2010) afirma que os conhecimentos sobre o ensino no campo de artes relacionado ao atendimento das pessoas com deficiência estão em construção e que a produção nesse campo, também se encontra em um tímido processo de ampliação. A autora afirma que há esforços nessa direção, para favorecer caminhos que possam auxiliar os docentes na construção de estratégias para o atendimento das demandas dos alunos e da realidade da escola inclusiva.

Segundo a autora, “neste momento é preciso reconhecer que existe uma lacuna muito grande entre a prática em artes com públicos especiais e a produção de literatura sobre o assunto” (REILY, 2010, p. 6). Além disso, a autora aponta dificuldades no registro e na divulgação de experiências exitosas realizadas com pessoas com deficiência intelectual no campo de arte-educação o que impacta no



conhecimento social mais amplo dessas produções entre os profissionais e pesquisadores, portanto, estaríamos “engatinhando”, conforme Reily (2010, p. 16).

Em síntese, os trabalhos encontrados evidenciam diversos recortes de investigação e abordagens teóricas diferenciadas. Considerando os temas centrais destacados, os artigos versam sobre vários temas, tais como: o desenho e as suas relações com o processo de aprendizagem inicial da escrita; o estudo do desenvolvimento de esquemas gráficos iniciais de objetos, a partir de uma visão evolutiva do desenho; o ensino nas aulas de Artes Visuais e a prática de professores com os alunos com deficiência.

Nesses artigos encontrados, os autores salientaram a pouca discussão a respeito do desenvolvimento do desenho de meninos e meninas com deficiência intelectual e foram também notadas as lacunas de pesquisas que abordam o desenho e o ensino escolar, considerando a perspectiva da prática pedagógica inclusiva.

A partir da necessidade de avançar na discussão sobre essa temática e considerando essas questões encontradas, apresento outras contribuições teóricas neste texto, a partir dos estudos da psicologia histórico-cultural e inspirada na pedagogia histórico-crítica. Abordo o desenho como um signo visual, um instrumento do plano simbólico carregado de possibilidades de comunicação e de compreensões singulares sobre o mundo, de expressão do pensamento e de expansão criativa que se dá a partir da cultura.

4 O DESENHO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL, A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E O ENSINO: BREVES CONSIDERAÇÕES

De posse de alguns instrumentos, tais como: lápis, gravetos, giz ou os próprios dedos, as crianças exploram diversas superfícies e, desde cedo, nos mostram os seus potenciais criativos para desenhar e são influenciadas pelas trocas com as outras pessoas. Seus traços anunciam certas conquistas, evidenciam



passos que revelam transformações, isto é, a continuidade e a descontinuidade de um percurso.

O desenho pode ser interpretado como marcas vistas em realizações criativas que expressam as singularidades de cada sujeito e nos mostram apropriações sobre a própria cultura. Como professora e pesquisadora, atuando em sala de aula, foi possível perceber um significativo potencial de meninos e meninas para produzir um desenho (e escrita), mas, diante de certas circunstâncias, algumas de suas produções ficavam escondidas nos cadernos e nos papéis soltos trazidos de casa para a escola.

No âmbito da escola, muitas vezes, há certos entendimentos de que o desenho é fruto de uma capacidade inata aos indivíduos ou também é compreendido como produção a ser “corrigida” e “enquadrada” em certos conceitos como “certo ou errado”, “feio ou bonito” ou resultado de um treinamento de traçados sobre o papel. Acredita-se, dessa forma, que o ato perceptivo e cognitivo de desenhar se resume a uma atividade manual que deve atender a modelos perfeitos e decorre puramente de um esforço individual, fruto de condições de natureza orgânica.

No caso da deficiência intelectual, na observação dos processos de apropriação da escrita de Vanessa, Pedro, Deise, sujeitos participantes de pesquisas que realizei (COSTA, 2017), e diante de tantos outros alunos, foi possível perceber que as suas produções gráficas (o desenhar e o escrever), muitas vezes, estavam obscurecidas por questões que cercam as condições do ensino. Essas condições relacionadas às esferas conceituais (conhecimentos específicos sobre própria deficiência e sobre possíveis intervenções pedagógicas) e estruturais (condições físicas, humanas e materiais do funcionamento das escolas) que, em determinados contextos, pouco abriam brechas para o entendimento das suas potencialidades.

Nesses estudos realizados sobre processos de apropriação da escrita por alunos com deficiência intelectual, observei que havia mitos e preconceitos a respeito da deficiência, como também a pouca informação acerca das possibilidades de aprendizagem desses alunos. No decorrer dessas pesquisas, foi possível



perceber que esses mitos se colocam como verdadeiras barreiras atitudinais e têm implicações nas ações pedagógicas no terreno da escola. O olhar centrado apenas nas características biológicas inviabilizava a observação das potencialidades de aprendizagem desses sujeitos e dificultava também a compreensão das variadas formas de manifestações de linguagens desses estudantes como caminhos legítimos de interação social, tais como: o desenho, os gestos, a fala e a escrita.

Ao longo da minha trajetória, diante dessas questões, venho buscando observar os principais desafios dos meus alunos para produzirem um desenho na escola. Noto que tais situações sugerem um olhar cuidadoso, expressa a necessidade de uma reflexão sobre a nossa intervenção pedagógica, isto é, de qual maneira o ensino pode ser organizado e desenvolvido para favorecer outras compreensões, pois, infelizmente, desde cedo, alguns meninos e meninas mostram certos desconfortos para desenhar.

Algumas das manifestações de embotamento para produzir um desenho são reveladas, por exemplo, em medo para se lançar em uma proposta e é recorrente a ideia de compreendê-lo como habilidade manual para cumprimento de tarefas, visando alcançar determinados padrões ou vista como resultado de um “dom” individual. Muitos mitos terminam por comprometer os processos de criação, obscurecem a relação da criança com essa linguagem. Segundo Derdyk, “a ação de desenhar não se reduz às habilidades manuais, artesanais, materialmente visíveis. O desenho é, sobretudo, construção do pensamento” (DERDYK, 2014, p. 129).

Além desses mitos, no caso da deficiência, como nos afirma Vigotski (1995), sob a ótica que se prende às limitações das condições orgânicas, tem-se uma visão pessimista determinando ou limitando o futuro de uma criança com deficiência intelectual na vida escolar. Em relação às questões estruturais do ensino, notei certa fragilidade em propostas curriculares no que se refere à organização e sistematização do trabalho pedagógico, considerando as necessidades desses alunos, em sala de aula.

Muitas atividades que eram realizadas pelos alunos com deficiência se limitavam às situações pouco desafiadoras e se resumiam à oferta repetitiva de



pinturas de figuras prontas, treino de colagem, de pontilhados e tracejados, reprodução de modelos, bem como a realização de propostas puramente vinculadas à celebração de datas comemorativas, surgindo em contextos pontuais, produzindo um esvaziamento de sentido no processo de aprendizagem. Conforme Pletsch (2012), no caso da deficiência intelectual, as atividades elementares pouco colaboram para o alcance de formas mais elaboradas do pensamento e desfavorecem a aprendizagem de conceitos científicos.

Portanto, na busca de ampliar o entendimento sobre o desenho a partir de outras bases, para que ele possa ser reinterpretado como uma linguagem e não, tomado como ato mecânico manual pronto e acabado, fruto de esforços individuais serão apresentados alguns princípios para favorecer uma reflexão sobre a prática pedagógica, tendo como abordagem os estudos de Vigotski (2009).

Na perspectiva da psicologia histórico-cultural, o desenho pode ser compreendido como uma das linguagens da criança. Trata-se de um caminho de expressão do pensamento e de apropriação da cultura que é tecido e transformado na relação do sujeito com o seu contexto social, a partir da mediação de outras pessoas.

No percurso de apropriação, marcado por idas e vindas há descontinuidades, evoluções e involuções (VIGOTSKI, 1998). Na criança, as manifestações gestuais, o desenhar e o brincar são processos simbólicos e atividades imprescindíveis para a conquista futura posterior da escrita, eles são “momentos diferentes de um processo essencialmente unificado de desenvolvimento da linguagem escrita” (VIGOTSKI, 1998, p. 153).

Segundo Vigotski, a linguagem gráfica surge tendo por base a fala, “nesse sentido os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam os aspectos essenciais dos objetos” (1998, p. 149). Silva (1998) traz um exemplo que apresenta as relações entre as linguagens:

A fala organiza o desenho; quando a criança diz "Vou fazer uma casinha" e dirige sua ação gráfica neste sentido, está sendo orientada pela palavra. Ao mesmo tempo, o desenho organiza a fala,



como ocorre quando, por exemplo, determinado grafismo sugere um rio e a criança assim denomina seu traçado, estimulada pela marca gráfica. Este recorte é apenas didático, porque a atividade de desenho é dialeticamente constituída por estes dois movimentos (SILVA, 1998, p. 2).

Garatujas e registros de formas vistos em grafias não convencionais, produzidos pelas crianças em seus processos iniciais, muitas vezes, são confundidos como meros rabiscos ou são notados como movimentos gráficos sem propósitos sobre o papel. É um momento marcante, mais embrionário, que leva à futura representação simbólica. Conforme diz Martins, “o ato de desenhar é individual e coletivo, [...] entrecruza a experiência individual da criança com as construções de sentidos do viver em sociedade” (2010, p. 4), trata-se de um ingresso no mundo da linguagem.

É possível observar que linhas, formas, cores e narrativas contam uma história singular de cada sujeito, trazendo elementos novos em cada período do seu desenvolvimento e são guiados pelas relações sociais. Nas pesquisas realizadas (COSTA, 2011; 2017), pude notar que crianças e jovens nos revelam uma “dança do lápis sobre o papel” que se realiza nas interações com as outras pessoas que prestam sentidos às suas descobertas e às suas manifestações de linguagens. Gradativamente, a criança se desenvolve a partir dessas relações, descobre a possibilidade de usar marcas, de registrar traços, de resgatar lembranças da memória e de “reelaborar criativamente” a sua própria realidade (VIGOTSKI, 2009).

Seus traçados falam de meninas e meninos situados em contextos sociais específicos, mostram contornos repletos de expressão, representando por meio da expressão gráfica a sua imaginação, a observação e sentimentos sobre a vida. Nessas produções vemos ricas relações sociais que a criança (ou jovem) estabelece com as outras pessoas e com a própria realidade, porque somos transformados pelo plano cultural.

Nesse sentido, o desenho pode ser compreendido como um caminho de potência que se revela de forma expressiva (DERDYK, 2014) de um sujeito que,



situado em uma determinada cultura, sob certas condições é capaz de perceber as suas relações sensíveis sobre o mundo, de revelar sentidos e significados sobre a própria realidade. Nessa abordagem supera-se a ideia de produção gráfica como resultado de dons individuais ou como consequência de etapas universais, descoladas de contextos sociais (TSUHAKO, 2016).

No estudo sobre “o desenhar na infância”, Vigotski aborda o percurso, os estágios e as principais características do ato de desenhar. Nesse trabalho, o autor se ocupa do “desenho propriamente dito” (VIGOTSKI, 2009, p. 106), isto é, dos rudimentos da representação gráfica e se dedica às formas dos traçados da figura humana aos desenhos que expressam a representação da realidade. Nesse estudo, Vigotski apresenta uma discussão sobre o desenvolvimento do desenho e vai além das expressões gráficas mais embrionárias, vistas nas manifestações em forma de garatujas e rabiscos, acompanhados de falas e de gestos que foram explorados nos trabalhos de pesquisa sobre o desenvolvimento da escrita, em 1929 (VIGOTSKI, 1998; LURIA, 2006).

A respeito do processo de desenvolvimento, nas figurações iniciais, a criança desenha o que lembra e o que sabe sobre as coisas. Posteriormente, expressa uma aproximação cada vez mais fiel aos objetos, representando graficamente e incorporando mais detalhes sobre o que observa do mundo e das suas relações com as outras pessoas. Na juventude, é possível notar que há um período de declínio, expresso no gradativo desinteresse do adolescente em continuar produzindo desenhos (VIGOTSKI, 2009).

Vigotski (2009), à luz de autores da época, desde os fins do século XIX, nos conduz a uma reflexão sobre o desenvolvimento das etapas e das transformações vistas nessas produções. Se por um lado, há certa centralização em algumas passagens nas questões das etapas do desenvolvimento do desenho, na obra “Imaginação e Criação na Infância”, conforme destaca Smolka (2009) nos comentários sobre a obra; por outro, o autor alerta para uma necessária observação de processos que ocorrem na interação desses meninos e meninas com a sua própria produção. Propõe um olhar para o desenvolvimento do desenho a partir da



intervenção pedagógica, tendo como preocupação o ensino de conteúdos, bem como, a necessidade de uma observação cuidadosa das marcas gráficas que expressam a liberdade e a originalidade infantil reveladas na criação peculiar de cada sujeito (VIGOTSKI, 2010).

O autor põe em destaque a importância da intervenção pedagógica planejada e sistematizada que favorece a aprendizagem de conteúdos e de domínio de materiais que irão incidir no alcance de formas cada vez mais elaboradas nesse percurso de criação. Nessa perspectiva, o ensino pode cultivar a imaginação criadora, guiando a criança, oferecendo-lhe estratégias e outros caminhos para minimizar as condições de possíveis declínios do seu interesse pelo desenho, principalmente, no período da adolescência. Ao tratar da idade dessa “idade de transição”, Vigotski:

[...] para o adolescente já não basta uma atividade de imaginação criadora; ele não se satisfaz com um desenho qualquer para contemplação de sua imaginação criadora e precisa adquirir habilidades e conhecimentos especiais e profissionais (VIGOTSKI, 2009, p 117).

Cabe ao ensino a ampliação das experiências dos alunos, oferecendo a experimentação de materiais e de suportes diversificados, a observação de obras de arte, o entendimento de cada momento histórico e artista dessas obras, possibilitando o aprendizado e aprimoramento de técnicas para a expressão da criatividade, considerando os períodos do desenvolvimento desses estudantes. Trata-se de uma organização intencional e sistematizada dos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos nesse ensino em direção aos processos de humanização. Nessa abordagem, segundo Dangió (2018),

No caminho dos rabiscos até o desenho figurativo com proximidade com o real, encontra-se a intervenção do professor na proposição do desenho em diferentes suportes (papel camurça, lixa, caixa de pizza, etc.), com diferentes riscadores (lápis, giz de cera, pincel, dedo, etc.), ampliando assim as experiências da criança. Além dessas



proposições, o professor deve repertoriar as crianças com conteúdos motivadores para desenhar (DANGIÓ, 2018, p. 165).

Nesse sentido, é necessária uma prática atenta às expressões gráficas de meninos e meninas, ao modo como se relacionam com essa linguagem e, principalmente, requer uma modificação de certas propostas oferecidas pela escola, pois, muitas vezes, podem fragilizar a relação do sujeito com a fruição do ato criativo para desenhar.

Se há interesse que os nossos alunos não tenham o mesmo destino em termos de insegurança na linguagem do desenho, se não se deseja que não realizem produções estereotipadas, privadas de significado, será preciso refletirmos sobre as atividades de desenho oferecidas a eles (TSUHAKO, 2016, p 26).

Para Tshako (2016), desde a educação infantil, o ensino e as ações pedagógicas devem colaborar para que o desenho da criança se desenvolva e através de diversos suportes e meios para representar a realidade, seja possível favorecer aprendizagens artísticas significativas para todos os alunos.

Como exemplo ilustrativo dessas atividades que podem ser realizadas, trago o desenho de uma aluna com deficiência intelectual, 13 anos (ver figura 1) que realiza a representação da figura humana, apresentando certos detalhes no grafismo. A aluna J. convidada a participar de uma atividade para produzir um quadro de rotina de atendimentos com sua professora, desenhou uma das docentes (grávida de gêmeos) responsável pela atividade da sala de jogos. Representou a professora numa tentativa de expressar a imagem mais próxima à realidade, conforme explica Vigotski (2009). Nessa atividade, a professora buscou oportunizar a ideia de resgatar o desenho como caminho principal de comunicação que seria compartilhado com todos os alunos dos atendimentos, em uma instituição especializada.

Conforme afirma Derdyk (2014, p. 132), ao educador cabe “ativar comportamentos criativos” para minimizar e dissolver possíveis situações que



desfavoreçam ou comprometam o desenho como linguagem expressiva do sujeito. As situações educativas promovidas pelos professores poderão favorecer a criação, a imaginação, o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e a ampliação das experiências estéticas da criança com a arte.

Figura 1: Desenho de uma aluna com deficiência intelectual, 13 anos



Fonte: Arquivo Pessoal/ Ano: 2014

Nesse caminho de desenvolvimento dos processos simbólicos, a criança aprende a desenhar, a representar as coisas do seu universo e a revelar a sua relação com os outros, influenciando significativamente em seu processo, principalmente, na fase de alfabetização.

Os professores poderão favorecer o alcance de outros patamares no processo de aprendizagem intervindo na atividade de desenho que vai se ampliando, ganhando formas gráficas cada vez mais representacionais da realidade. Nesse sentido, é preciso dizer que não é possível desconsiderar os aspectos maturacionais (SILVA, 1998), mas envolve, sobretudo, a necessidade de o adulto ver essas produções como fruto de uma criação original, cheia de ricas ideias, de interesses e sensibilidade sobre o mundo e que podem ser enriquecidas pela intervenção pedagógica.



Nesse trabalho artístico-pedagógico, propõe-se um compromisso com a necessária educação do olhar, do sentir, da expressão, da experimentação de técnicas e materiais, das diversas formas de produzir sentidos e significados, através do acesso à história das obras de arte, aos conteúdos científicos necessários à apropriação desses saberes. No caso das questões da deficiência intelectual, o trabalho escolar pode ganhar outros contornos se a intervenção pedagógica busca, como afirma o próprio Vigotski (1998), encaminhar esses alunos e alunas na direção do pensamento mais elaborado, procurando estimular e trabalhar processos que se estão em falta ou prejudicados no seu próprio desenvolvimento, comprometido pelas condições da deficiência, através das interações sociais.

Os meninos e meninas com deficiência precisam de recursos extras, necessitam de estratégias diversas que possam auxiliar o seu processo de organização das ideias, de intervenções elaboradas sobre a própria produção, enfim, de caminhos capazes para favorecer a apropriação de conceitos científicos.

Em outras palavras, é preciso ultrapassar, principalmente, as barreiras atitudinais do preconceito e dos estereótipos sobre a deficiência, pois, segundo afirma Reily, “é preciso acreditar na capacidade do outro, para que ele faça a sua marca de forma a expressar aquilo que lhe é significativo, e lamentavelmente, isso raramente acontece com pessoas com deficiência intelectual” (REILY, 2010, p. 7).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto objetivou trazer algumas reflexões acerca do debate sobre a produção do desenho de crianças e jovens com deficiência intelectual e o ensino na escola, a partir de um estudo exploratório, bibliográfico. No levantamento de trabalhos que se debruçaram pelas questões do desenho atrelado à deficiência intelectual foi notada a escassez de estudos sobre o assunto, o que demonstra, segundo alguns autores (OLEQUES, 2015, PATROCÍNIO, 2001) a relevância da temática e a necessidade do seu debate no campo pedagógico, na atualidade. Além



disso, nos artigos encontrados foram observados diversos enfoques e concepções teóricas diferenciadas.

Assim, buscando ampliar essa discussão, a partir dos pressupostos vigostkianos, compreendendo o desenho como uma atividade simbólica humana foi possível tecer outras compreensões sobre o desenvolvimento da linguagem gráfica da criança e do jovem e as implicações da intervenção pedagógica. O desenho pode ser entendido como uma das linguagens desses sujeitos (com/sem deficiência) que se realiza e se constitui a partir das relações sociais. No caso da deficiência intelectual, conforme a análise proposta neste artigo, o desenho e a escrita são processos simbólicos que necessitam de outras significações pedagógicas. Mitos e preconceitos sobre o desenvolvimento dessas pessoas se colocam como verdadeiras barreiras atitudinais ao aprender, pois, muitas crianças e jovens são subestimados em suas potencialidades.

Com base nos estudos de Vigotski (1995), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores da pessoa com deficiência intelectual encontra força no meio cultural, na interação social com as outras pessoas. O plano cultural apresenta-se como terreno fértil e ilimitado de desenvolvimento, pois, a cultura pode criar e potencializar formas de compensação, minimizando certas limitações colocadas pela condição orgânica da deficiência.

Portanto, acredita-se que, a partir de situações didáticas planejadas e sistematizadas, a mediação pedagógica pode favorecer o processo de criação, o desenvolvimento do grafismo, o domínio de conteúdos científicos e a ampliação das experiências estéticas de meninos e meninas com a arte e com a cultura. Essa mediação deve ocorrer “de modo que seja assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares” (SAVIANI, 2013, p. 9), oferecendo variadas condições para cultivar o desenho e consolidar aprendizagens relacionadas ao processo criativo. É preciso ultrapassar a ideia de produção de desenho como questão a ser secundarizada ou quase invisibilizada no conjunto de certas preocupações propostas no currículo escolar.



Por fim, diante desses estudantes, é preciso observar uma “dança do lápis sobre o papel” (COSTA, 2017) que se dá a partir das interações com as outras pessoas. As várias linguagens da criança e do jovem podem ser reinterpretadas. É necessário o olhar do outro que presta sentidos às descobertas de cada sujeito que desenha, brinca, explora meios e modos de deixarem as suas marcas gráficas registradas para que sejam notadas por outros.

REFERÊNCIAS

ANACHE, Alexandra; MITJÁNS, Albertina. Deficiência mental e produção científica na base de dados da CAPES: o lugar da aprendizagem. **Psicol. Esc. Educ.** São Paulo. 2007, vol.11, n.2, p. 253-274. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n2/v11n2a06.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2013.

COSTA, Daiane S. **A mediação de professores na aprendizagem da língua escrita de alunos com Síndrome de Down**. 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

COSTA, Daiane Santil. **Gestos de alunos com deficiência intelectual reveladores de escrita: um estudo na escola**. 2017, 257 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal da Bahia, 2017.

DANGIÓ, Meire C. dos Santos; MARTINS, Lígia M. **A alfabetização sob enfoque histórico-cultural: contribuições didáticas**. São Paulo: Autores Associados, 2018.

DERDYK, Edith. Papel em branco. In: GOBBI, Marcia A.; PINAZZA, Mônica A. (Orgs). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 127-135.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado na criança: práticas e formação do educador**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso: fundamentação científica, subsídios para coleta de dados, como redigir o relatório**. São Paulo: Atlas, 2009.

LURIA, Alexander Romanovitch. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEÓNTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006, p. 143-189.

MARTINS, Alice Fátima. **Toda Criança desenha... Toda criança desenha?!** 2010. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36089884/Toda_crianca_desenha-libre.pdf. Acesso em: 19 fev. 2013.



OLEQUES, Liane Carvalho. Desenho infantil: possibilidade de ensino a crianças com deficiência intelectual. **Revista Ciclos**. Florianópolis. 2015, v. 2, n. 4. pp. 16-25. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/4933/4077>. Acesso em: 14 out. 2019.

OLEQUES, Liane Carvalho. Desenho e escrita: características na produção gráfica de duas crianças com Síndrome de Down. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 29, n. 54, p. 41-52, 2016.

OLEQUES, Liane Carvalho. Desenho infantil e o ensino de Artes visuais: Desenhando com crianças com deficiência intelectual. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 564-581, set./dez. 2019.

PATROCÍNIO, Wanda. O desenho e as suas relações com a linguagem escrita em alunos portadores de deficiência mental. **Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins**. São Paulo, v.2, n. 2, p.149-160, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1077/1092>. Acesso em: 19 fev. 2013.

PLETSCH, Denise. A escolarização de alunos com deficiência intelectual/mental na perspectiva histórico-cultural: políticas públicas, processos cognitivos e aspectos pedagógicos. **Revista educação em Foco**, v. 1, p. 239-250, 2012. Disponível em: http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/PLETSCH,%20_Artigosemperiodicos_2012.2.pdf. Acesso em: 20 ago. 2017.

REILY, Lucia. O ensino de Artes Visuais na escola no contexto da Inclusão. **Cad. CEDES [online]**. 2010, vol.30, n.80, pp.84-102. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a07.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, Sílvia Maria. Condições sociais da constituição do desenho infantil. **Psicol. USP**. São Paulo. v. 9, n. 2. p. 205-220, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 jun. 2019.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2013.

TSUHAKO, Yaeko. **O ensino do desenho como linguagem**: em busca de da poética pessoal. 2016. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Marília, 2016.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



VIGOTSKI, Lev S. **Fundamentos de defectología**. 2. ed. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1995.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. Lev S. Vigotski: apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Recebido em
Aprovado em



Esta revista está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software* | *iThenticate*